

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

I DE ABRIL DE 1894

XVII Volume — N.º 550



FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO  
O CORTEJO CIVICO DESFILANDO PELA RUA DOS CLERIGOS

(Desenho do sr. J. R. Christino da Silva)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Não sei que mysteriosa ligação existe entre a chuva e a batalha das flores, que entre nós não se pôde batalhar com flores sem que a chuva venha logo metter-se na dança.

Ha annos, quando a sociedade elegante de Lisboa se lembrou pela primeira vez de imitar, na segunda feira gorda, os estrudos celebres de Nice substituindo os tradicionaes tremoços lusitanos, e as bisnagas enraizadas nos nossos costumes carnavalescos, pelas rozas, pelos jasmims e pelos lilazes, encheu a Avenida da Liberdade de carruagens enfeitadas com flores e com verdura a chuva começou logo a cahir a potes e lembra-me perfeitamente ainda do extraordinario affeito do a proposito, que alcançou o carro do sr. Conde de Burnay, carro armado em feitio de barco como se tivesse previsto o uar em que a chuva havia de transformar a rua central da Avenida e dar a essa batalha de flores o aspecto d'um verdadeiro combate naval.

Apesar d'essa chuva torrencial que obrigou a dispersar os mais energicos batalhadores no melhor da festa, a batalha das flores produziu um bello effeito e esse divertimento tão gentil tão gracioso, tão elegante, alcançou um verdadeiro *successo* e cahiu logo no agrado de toda a gente.

Não sabemos porém o motivo porque, não obstante o agrado com que foi acolhida essa estreia, a batalha das flores, d'ali por deante annunciada todos os carnavaes ficou sempre em vèl-o-hemos como se o seu *debut* tivesse sido uma queda, e esse vèl-o-hemos repetiu-se ainda n'este ultimo carnaval.

Annunciou-se com certa insistencia, desde o fim do anno passado que, na segunda feira do carnaval que passou, teriamos batalha das flores: chegou porém o carnaval, chegou a segunda feira gorda e nada de novo; a Avenida deserta e o entrudo encurralado no Chiado como todos os annos.

Felizmente a idéa da batalha das flores não tinha sido abandonada de todo, como nos ultimos annos fóra apenas addiada e mercê da boa vontade d'um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, presidido pela sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella e patrocinado por Sua Magestade a Rainha D. Amelia acaba de realisar-se com enorme brilho e tambem com enorme chuva, para não dementir as tradições da sua estreia.

O tempo estava lindissimo, uns dias primaveaes, sol esplendido, temperatura suave, um verdadeiro amor de tempo!

Falla-se em batalha das flores, apparecem cartazes annunciando-a para segunda feira 26, começa-se a preparar a Avenida para a festa e o tempo começa logo a fazer caretas e que caretas.

O domingo 25, appareceu immediatamente chuvoso, tempestuoso, como um dia de inverno e de verdadeiro inverno, de tanto inverno que assustou a commissão promotora da festa, que, sem se lembrar que os carros estavam já a enfeitar-se, que as flores estavam já apanhadas, só se lembrou d'uma coisa; — que com aquelle dia de dezembro intercallado em março não se podiam fazer festas ao ar livre.

E sem esperar sequer pela manhã do dia annunciado, sem se lembrar que estavam no março marçoção, que de manhã é inverno e de tarde é verão, mandou immediatamente n'esse domingo inverno contra annunciar a festa marcada para o dia seguinte, addiando a para quinta feira 29.

Esse addiamento produziu verdadeiro terror entre os combatentes que tinham já os seus carros de combate preparados, o material de guerra colhido dos jardins e que viram espavoridos que esses tres dias de addiamento davam cabo d'esse material e de todos os preparativos já feitos.

E immediatamente, n'essa propria noite, o contra annuncio foi novamente contra annunciado, mas em vez de ser declarado sem effeito, a modificação limitou-se apenas a transferir o addiamento: — em vez da batalha ficar para quinta feira 29 ficou para terça feira 27.

Não se comprehendeu bem o motivo d'este addiamento.

Por estar no domingo mau tempo, não ter confiança na segunda feira, e tel a na terça feira, não se percebe muito bem. Foi o medo que aconselhou esse addiamento e o medo é sempre mau conselheiro.

E d'esta vez tambem o foi — demonstraram-n'o os factos.

A segunda feira repudiada com receio da chuva foi um dia lindissimo, a terça feira escolhida em sua substituição foi um dos dias mais desagradaveis que cá tem vindo.

E tão desagradavel, tão chuvoso, tão ventoso, tão enublado, que a maior parte da gente imaginou que appareceria novo contra annuncio a addiando a festa.

Mas d'essa vez não appareceu.

A commissão entendeu, que não podia continuar a fazer addiamentos, n'uma festa cujos preparativos estavam promptos e não soffriam mais esperas, e resolveu fazer a batalha, chovesse ou não chovesse.

E a batalha realisou-se e a festa se foi um bocadinho molhada nem por isso deixou de ser brilhante.

O mau tempo o que fez foi que só muito tarde, o publico começasse a tomar os seus lugares para essa festa, que, feita em dia de sol, em dia de tempo seguro encheria logo desde pela manhã a Avenida de povo.

Assim, com um dia inverno, com o vento a puchar a chuva, que até ás quatro horas esteve suspensa sobre as cabeças dos lisboetas como uma chuva de Damocles e que a essa hora desabou sobre as referidas cabeças como um duche torrencial, muita gente teve medo de sair de casa para ir ver um divertimento, que, dado aquelle dia que estava, era muito duvidoso, e apanhar uma carga d'agua, que com aquelle tempo era quasi certa.

E por isso á uma hora da tarde as ruas lateraes da Avenida estavam quasi desertas, podendo transitar-se por ellas bem á vontade, e a rua do centro apresentava um aspecto tristonho, entre alas de palhinha de cadeiras, esperando alugadores que não appareciam e que na vespera tinham mettido agulhas por alfinetes para alcançar bilhete.

Finalmente começou a espalhar-se pela cidade, que, apesar do tempo, sempre havia a batalha das flores; e então o publico começou a encaminhar-se para a Avenida armado de desconfiança e de guarda chuva.

As duas e meia o primeiro carro enfeitado deu entrada na Avenida com grande prazer dos espectadores, que adquiriram a certeza de que sempre havia festa.

Então os carros enfeitados e por enfeitar começaram a affluir, d'ali a nada uma girandola de foguetes annunciou que ia começar a batalha; as cadeiras que faziam alas á rua central começaram a encher-se de espectadores e dentro em pouco a Avenida da Liberdade apresentava um aspecto festivo, a que só faltava a luz alegre do sol lisboeta para ser um aspecto deslumbrante.

Ao contrario das prophcias dos agoirentos que diziam que seria muito limitado o numero de carros enfeitados, prophcias que tinham sua razão de ser nos preços exhorbitantes que pediam por essas ornamentações, passou de 60 o numero de carruagens enfeitadas, que tomaram parte na batalha e entre essas algumas eram de distincto bom gosto e de enorme riqueza.

Entre as mais formosas e mais elegantes o primeiro logar pertence á de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, caleche a *Daumont* tirado a seis parellhas, adornado com uma enorme profusão de goivos brancos, côr de rosa, e lilazes, os eixos e rodas todos cobertos de rosas, um verdadeiro encanto.

Sua magestade, trajava de veludo preto e rendas brancas e era acompanhada pela sua dama a sr.<sup>a</sup> D. Eugenia Niza e pelo seu official de serviço o sr. visconde de Asseca. Os batedores levavam os chicotes enfeitados com flores, e honquets enfeitando as librés.

Quando sua magestade entrou na Avenida o hymno real foi executado por todas as 5 bandas que collocados a espaços ali estiveram tocando durante toda a festa e que eram as bandas da guarda municipal, caçadores 2, caçadores 5, infantaria 7 e infantaria 16.

A carruagem de sua magestade a rainha a senhora D. Amelia era tambem lindissima e de suprema elegancia, toda coberta de accacias amarellas, goivos, lilazes, violetas de Parma, e *vengeiss meino nicht*.

Sua magestade ia sózinha no seu carro com os seus dois filhos, o principe Real e o infante D. Manuel, e a carruagem ia litteralmente cheia de flores que sua magestade atirava alegremente com grande profusão para as outras carruagens.

O carro de el-rei D. Carlos era um simples breck tirado por uma só parella guiada por sua magestade.

Muito simples mas muito elegante e de muito

bom effeito a ornamentação d'esse carro, unicamente camélias brancas, sua magestade vestia á paysana, chapéu baixo molle e foi um dos mais entusiastas batalhadores, sendo quasi que o ultimo a retirar-se da Avenida.

Bonito e original tambem o carro do sr. infante D. Alfonso, posta-romana, com tres parellhas guiada de boleia com os criados vestidos a rigor da época.

Sua alteza era acompanhado pelos srs. Duval Telles, major Malaquias, Antonio Costa e Antonio Asseca.

O carro mais alegre, mais gracioso porem que andou na Avenida foi o carro da familia do illustre conde de Valenças, carro grande, enfeitado com flores, fitas e pombos embalsamados e que conduzia um enorme grupo de formosas e gentis meninas da nossa primeira sociedade, trajando todas toilettes brancas e atirando flores com grande animação e ruidosa alegria.

Esse formoso carro em que iam as gentilissimas filhas dos srs. condes de Valenças, as srs. D. Luiza Almedina, D. Virginia Nova Goa, D. Marianna Oliveira, D. Eugenia Penalva d'Alva, D. Emilia Hintze Ribeiro, D. Laura Teixeira de Queiroz, D. Beatriz e D. Bertha Anjos era ladeado por um numerooso grupo de cavalleiros.

Quando passou pela primeira vez por junto do carro de sua magestade a rainha D. Amelia o grupo de meninas saudou graciosamente a formosa soberana soltando um grande bando de pombas brancas.

Não nos permite o espaço de que podemos dispor dar noticia minuciosa de cada um dos carros que tomaram parte na brilhante festa.

Entretanto não podemos deixar de mencionar com especial louvor, o magnifico carro do sr. conde de Valle Flôr, carro riquissimo, no estylo Luiz XVI, ornamentado por Bordallo Pinheiro com o seu apromorado gosto artistico. Era uma carruagem de talha dourada, tendo no fundo um grande escudo encimado por uma corôa de conde; na parte anterior um grande painel emoldurado em talha ornamentada, forrado de sedas de côres de ervilha e rosa.

As rodas eram quatro florôes de talha; as lanternas elegantissimas. Uma verdadeira obra d'arte essa magnifica carruagem.

O carro do sr. visconde de Moraes, em fórma de *corbeille* enfeitado de olaias era d'um lindo effeito: esplendido o carro do sr. conde de Font'Alva, coberto de camélias, lilazes, jacinthos, e adornado com dois bellos pavões embalsamados: o carro do sr. Carlos Ribeiro Ferreira, em forma de palhoça, decorado com cortiça e palha de canteio: o carro do sr. conde de Burnay — um jardim com grupos de palmeiras e bambus, tirado a seis cavallos; o carro do sr. Jorge O'Neill, ornamentado com lilazes e colchas e os carros dos srs. Rocha Vianna, á alemtejana, marquez de Pombal, D. Fernanda Bergaro, Frederico Collares, etc.

A distiacta actriz Cimira Polonio apresentou-se na Avenida d'uma maneira original e graciosa, n'uma cadeirinha enfeitada de flores, vestindo a gentil actriz á Luiz XV.

Os desenhos que hoje damos d'essa esplendida festa são devidos ao lapis brilhante do nosso prezado amigo e collaborador o sr. José Pardal, cujos excellentes desenhos de navios os nossos leitores tanto tem apreciado.

\*  
\*  
\*

Fóra da Batalha das Flores tinhamos hoje mais assumptos interessantes que pela falta de espaço somos obrigados a deixar para outra chronica.

São elles a primeira representação em Lisboa do afamado *vaudeville Os 28 dias de Clarinha*, de Antony Marx e H. Raimond, musica de Audran que em Paris teve um colossal successo, e que na Trindade encontrou tambem um successo excepcional, representado excellentemente por Pepa, Augusta Cordeiro, Portugal, Joaquim Silva, Queiroz, Alfredo de Carvalho e Gomes: a *première* do *Freysschutz* de Weber, no theatro de S. Carlos, theatro que as horas em que nos lerem está fechando as suas portas; a estreia no theatro do Principe Real da famosa companhia d'opera comica do sr. Taveira, do Porto, companhia em que figuram artistas como Angela Pinto, Elvira Mendes, Emilia Eduarda Theresa Mattos, Carmen e actores com o José Ricardo, Taveira, Santos, Pires, etc.

Na proxima chronica nos occuparemos de todas estas novidades.

Gervasio Lobato.

## AS FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO

Foi com um brilhantismo desusado que a cidade do Porto solemnizou o centenario de um dos seus filhos mais illustres, o infante D. Henrique, filho do rei D. João I.

Essa solemnisação revestia um duplo character: com ella prestava-se uma homenagem de admiração ao grande impulsor das nossas primeiras descobertas maritimas e honrava-se ao mesmo tempo a memoria de um principe que viu a luz dentro das muralhas do velho burgo portuense.

Assim a cidade preparou as suas melhores galas para dar a uma commemoração tão sympathica, o lusimento de que era digna.

Viera de longe a ideia da solemnisação d'este centenario, mas extincta a corporação em que ella nascera, (a Sociedade de Instrução do Porto), a camara municipal tomára a iniciativa de a levar a effeito, organisando para esse fim uma comissão executiva que ficou assim composta:

Presidente, conselheiro Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, presidente da camara municipal; secretario, padre Francisco José Patricio; vogaes, conde de Samodães, Augusto Luzo da Silva, Bento Carqueja, Eduardo Sequeira, Henrique Kendall e Fernando Maia.

Installada esta comissão, encetou ella logo os seus trabalhos, ficando resolvido que a commemoração do centenario fosse realisada, nas suas linhas geraes, do modo seguinte:

Organisação de uma exposição insular e colonial no Palacio de Crystal.

Organisação de um cortejo civico.

Organisação de um cortejo fluvial, em que figurasse uma imitação das antigas caravellas da epocha do Infante.

Uma sessão solemne no edificio da Bibliotheca Publica, em honra do infante D. Henrique.

Collocação de uma lapide commemorativa na fachada da casa existente no local em que existiram os paços onde nasceu o Infante.

Um espectáculo de gala no theatro de S. João.

Festejos e illuminações em varias ruas e praças da cidade, durante tres dias.

Concurso para a apresentação de uma memoria ácerca da vida do infante.

Erecção de um monumento á memoria do mesmo Infante na praça fronteira ao edificio da Bolsa, collocando-se a primeira pedra para elle em um dos dias dos festejos.

Para custear as despesas d'esse monumento e dos festejos publicos, resolveu-se pedir ao governo a creação de uma serie de estampilhas do centenario, sendo parte do producto da venda applicado aquelles fins.

A iniciativa da comissão executiva teve o mais entusiastico acolhimento por parte dos habitantes e de varias corporações do Porto, contando-se entre estas ultimas a Associação Commercial, que resolveu celebrar uma sessão solemne no seu edificio, illumina-lo exteriormente, etc.

Pela sua parte os habitantes de Villa Nova de Gaya não quizeram ficar alheios ao movimento de entusiastico patriotismo, que se desenvolvia, e d'este modo uma comissão de cavalheiros d'aquella localidade resolveu realisar uma exposição industrial e agricola, concelhia.

Planeada por esta fórma a celebração do centenario e convidada a familia real para assistir a ella, os festejos e solemnidades publicas effectuaram-se do modo como vamos deixar rapidamente consignado.

El rei D. Carlos, a rainha D. Amelia, o principe real D. Luiz e o infante D. Manuel, acompanhados dos srs. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros, João Franco Castello Branco, ministro do reino, Carlos Lobo de Avila, ministro das obras publicas e Neves Ferreira, ministro da marinha, e pessoas da comitiva de SS. MM. e AA., deram entrada no Porto, na tarde de quinta feira 1 de março, sendo recebidos com as demonstrações de respeito e sympathias costumadas.

No dia seguinte houve no paço da Torre da Marca, recepção, e terminada ella realisou-se no Palacio de Crystal a inauguração da exposição insular e colonial.

Esse acto teve lugar no salão Gil Vicente assistindo a elle, além de Suas Magestades e Altezas e comitiva, os ministros, as autoridades e corporações officiaes e particulares e outras pessoas.

O discurso da abertura foi proferido pelo sr. conde de Samodães, presidente da direcção do Palacio de Crystal, respondendo El-rei.

Seguiu-se uma rapida visita á exposição, que, comquanto muito incompleta então, pela falta de grande numero de productos que vinham ainda em viagem, não deixava contudo já de patentear a importancia inquestionavel de todas as nossas possessões de além mar, pelas suas riquezas naturaes, alli exhibidas.

Regressando ao paço, a familia real sahio pouco depois para ir assistir a um desafio do *foot ball* proposto pelo Club de Lisboa a acceite por um grupo de cavalheiros portuguezes e inglezes d'esta cidade. No torneio ficou vencedor o grupo Lisbonense, ao qual deve caber o premio se vencer em duas outras partidas. O premio consistia em uma taça de prata offerecida por El-rei.

A' noite houve jantar de gala, ao qual assistiram entre outras autoridades, a camara municipal e a comissão executiva do centenario.

Ergueu o primeiro brinde el-rei D. Carlos, respondendo o sr. conselheiro Costa e Almeida, presidente da camara municipal.

No dia 3 teve lugar o cortejo civico.

A cidade apresentava um aspecto brilhantissimo de festa.

As ruas que o cortejo tinha de percorrer e ainda outros locaes, distinguiram-se pelas decorações characteristics que as alformoseavam.

Eram mastros, simulando varios typos de vergas de embarcações, com bandeiras e fl. mulas, plintos com decorações e disticos apropriados, recordando factos da vida do Infante, coretos para musica figurando antigas fortalezas ou uma caravela antiga, como na rua de Santa Catharina, em que os proprios musicos vestiam como os maritimos da epocha, etc., etc.

Na rua de Santo Antonio havia tambem dois arcos triumphaes, em estylo ogival; na praça de Carlos Alberto, outro em estylo classico; no largo dos Loyos um grande obelisco encimado por um globo, vendo-se na base o busto do Infante, e no Campo da Regeneração, igualmente outro grande obelisco, em que do mesmo modo se destacava o busto do heroe.

A tudo isto acrescenta-se o embandeiramento das janellas, as colchas de damasco que as ornamentavam e a multidão de senhoras que as enchem e far-se-ha ideia do aspecto encantador e indiscriptivel que essas ruas offereciam.

As festas do centenario tinham attrahido ao Porto um numero consideravel de forasteiros, de todos os pontos do paiz. Não havia um unico lugar nos hoteis, nem nas casas particulares de hospedagem, tendo a auctoridade mandado alugar alguns armazens devolutos, para albergar os visitantes, de recursos pecuniarios mais limitados.

A esta cidade nunca, em occasião alguma, affluira tanta gente de fóra.

Assim, comprehende-se que as ruas principaes regorgitavam de pessoas, tornando-se em algumas o transitio difficilissimo.

O cortejo civico esteve em tudo imponente.

Abriam o quatro arautos do seculo XIV, a cavallo, com luxuosos trages, seguindo-se a bandeira da cidade, apoz a qual iam a camara do Porto e o presidente da camara de Lisboa, comissão executiva do centenario e os representantes das seguintes camaras municipaes, com os respectivos estandartes:

Lisboa, Evora, Setubal, Gouveia, Leiria, Viana, Melgaço, Aveiro, Sousel, Santarem, Montemor-o-Novo, Oliveira de Azemeis, Macieira de Cambra, Villa da Feira, Celorico da Beira, Faro, Elvas, Foscõa, Lamego, Figueira da Foz, Trancoso, Serpa, Beja, Amarante, Villa do Conde, Povoas de Varzim, Maia, Campo Maior, Monforte, Torres Novas, Alfandega da Fé, Villa Flor, Thomar, Niza, Portalegre, Esposende, Covilhã, Regoa, Loulé, Penafiel, Barcellos, Coimbra, Vizeu, Valongo, Gondomar, Santo Thyrso, Paços de Ferreira, Guimarães, Ovar, Estarreja, Bouças, Beja e Taboão, e representantes das camaras de Louzã, Oeiras, Alcochete, Villa Nova da Cerveira, Arcos de Val de Vez, Soure, Amares, Pombal, Terras de Bouro, Rezende, Baião e Lagos.

Ja depois o carro triumphal da cidade, seguindo atraz o governador civil, pares, deputados auctoridades civis, parochos da cidade, general da divisão, officialidade dos corpos e das guarnições da corveta *Sagres* canhoneiras *Tavira* e *Liberal* e transporte Africa, estas tres ultimas embarcações vindas expressamente ao Porto, elemento scientifico á frente do qual se viam os representantes do corpo docente da Universidade, delegação da Sociedade de Geographia de Lisboa, imprensa, medicos, engenheiros, funcionarios publicos, etc.

Seguia-se o carro da Agricultura, que era acompanhado pela camara municipal de Gaya, comissão executiva da exposição agricola e industrial, auctoridades locaes, alumnos das escolas, operarios, etc.

Depois d'este iam os seguintes carros triumphaes:

Do Commercio, Atheneu Commercial, Sociedade de Alexandre Herculano, Industria, Exposição Insular e Colonial do Palacio de Crystal, Beneficencia, Gymnasio Lauret, Bellas-Artes, Navegação do seculo XIV, Correios e Telegraphos.

Todos estes carros eram acompanhados pelas respectivas corporações, operariado de varias fabricas, força de marinheiros da armada com a respectiva fanfarras, escolas primarias e collegios particulares, direcções das associações de soccorros, etc.

Apoz o carro das bellas artes, ia um grande grupo de estudantes, no qual se destacavam, pelos seus trages pittorescos, os membros da estudiantina de Salamanca.

Esse grupo dava a nota alegre e entusiastica do cortejo, pelos seus vivos e pelas suas saudações constantes ás damas portuenses.

Das janellas choviam a cada passo sobre os varios grupos do cortejo, nuvens de petalas de flores.

Quando o cortejo chegou á rua do Infante D. Henrique, procedeu-se ao descerramento da lapide que fóra collocada na fachada da casa onde aquelle principe nascera.

A familia real tinha ido para junto da referida casa, sendo el-rei quem descerrou a cortina que cobria a lapide.

Esta é em estylo ogival e foi executada nas officinas de reparação do mosteiro da Batalha, segundo um desenho feito pelo conductor de obras publicas o sr. José Izidro de Campos.

A familia real, terminada essa cerimonia dirigiu-se para o Campo da Regeneração, afim de assistir de um palanque que fóra construido junto a entrada do quartel de infantaria 18, ao desfilar do cortejo.

Logo que este entrou no Campo, foi executado o grande hymno do Centenario, composto pelo illustre maestro Alfredo Keil e ensaiado pelo distincto professor Antonio Canedo.

Na execução tomaram parte um grande numero de creanças de ambos os sexos, coristas adultos, e as bandas de caçadores 7, infantaria 18 e 20 e da guarda municipal.

O hymno foi applaudissimo, tendo o seu author uma verdadeira ovação.

A pedido do publico foi repetido.

A noute houve uma brilhante sessão solemne no salão nobre da Associação Commercial, á qual assistiram a familia real, autoridades, corporações e muitos socios com suas familias.

O presidente o sr. João Henrique Andresen Junior, dirigiu uma allocução a El rei, á qual o monarcha respondeu sendo em seguida feita uma conferencia ácerca da vida do Infante D. Henrique, pelo sr. conselheiro Pinheiro Chagas. Essa conferencia, um verdadeiro primor litterario, foi acolhida com unanimes applausos.

Ao passo que se celebrava esta sessão, a multidão pelas ruas era immensa a ver as illuminações.

Todas ellas eram profusas e a maior parte a gaz. A luz electrica eram illuminações as ruas Sá da Bandeira e Santa Catharina, estando disposta na escada da igreja de Santo Ildelfonso uma fonte luminosa do mais bello effeito.

Muitas casas particulares tinham tambem bonitas illuminações e dos edificios publicos as mais brilhantes, eram as da Associação Commercial e Camara Municipal.

(Continúa)

Porto.

R.

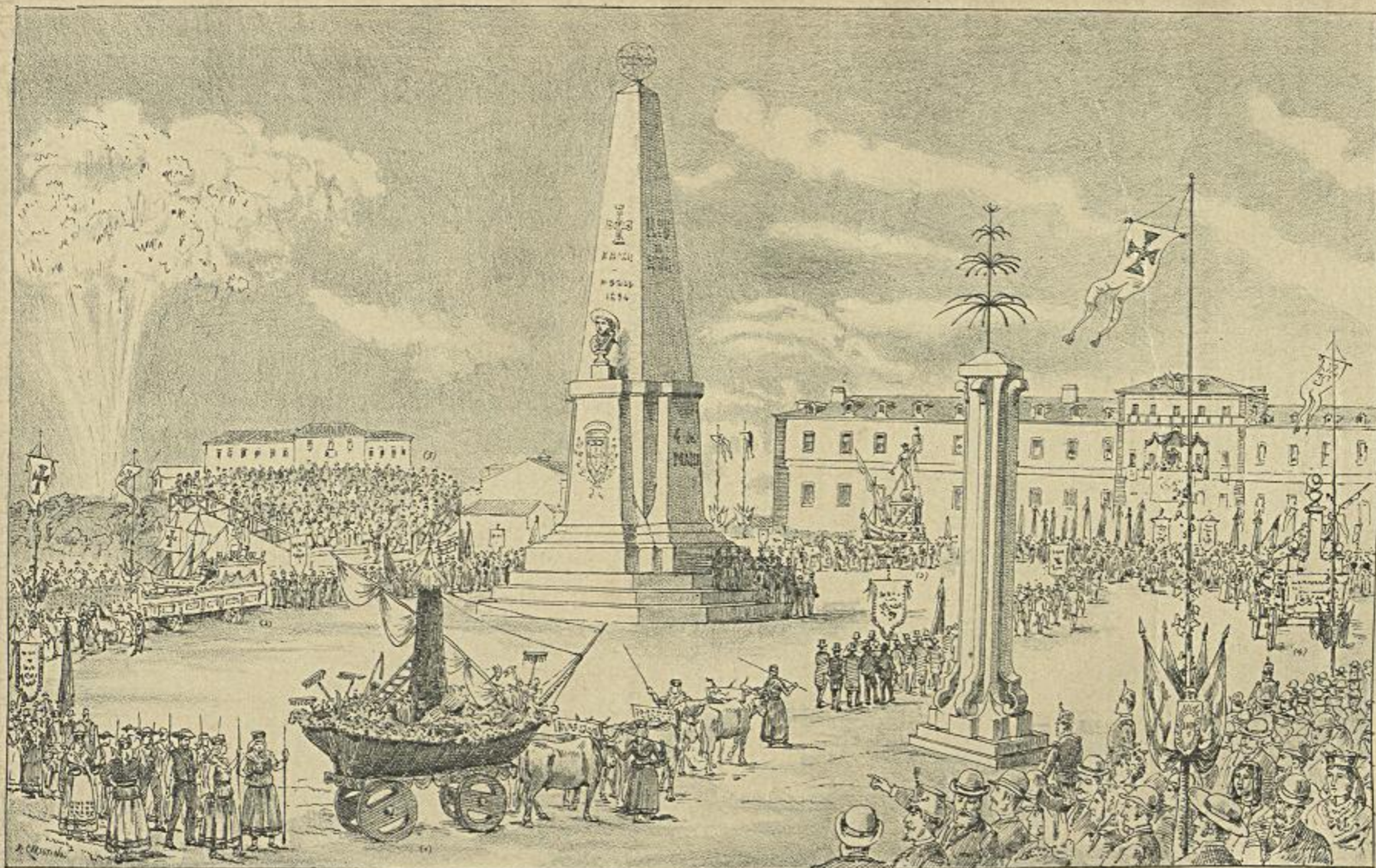
## RICARDO BURTON, EM LISBOA

III

Esta lady Burton era uma d'aquellas inglezas pedantescas, que estudam freneticamente coisas que habitualmente pouco preoccupam o espirito feminino, e que, levando aos seus estudos a exaltação habitual do seu sexo, fazem d'elles a preoccupação exclusiva da sua vida, e dos homens que n'elles se tornaram proeminentes os idolos do seu culto. Assim se apaixonou por Stanley a gentil Dorothéa que é hoje sua mulher, assim se apaixonou por Burton a loira Isabel que, não contente de o adorar em vida, lhe ergue altares depois de morto, assim tudo sacrificou ás loucuras de Laurence Oliphant a pobre Alice, a sr.<sup>a</sup> Oliphant bem conhecida na litteratura inglesa, e que é o exemplo mais frisante dos effeitos da suggestão conjugal.

Sinceramente, como a vaidade humana pôde chegar a proporções increditaves, é possível

# FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO



1 - Carro da Agricultura (de Villa Nova de Gaya) — 2 Carro da Associação Commercial do Porto — 3 Carro do Atheneu Commercial — 4 Carro da cidade do Porto  
— 5 Coreto onde se executou o Hymno composto por A. Keil

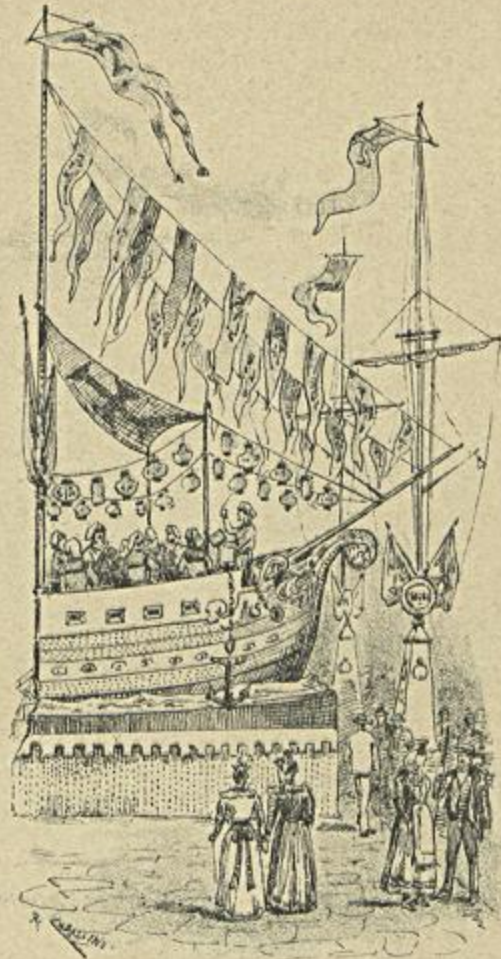
APOTHEOSE DO INFANTE D. HENRIQUE NO CAMPO DA REGENERAÇÃO

(Desenho de J. R. Christino da Silva)

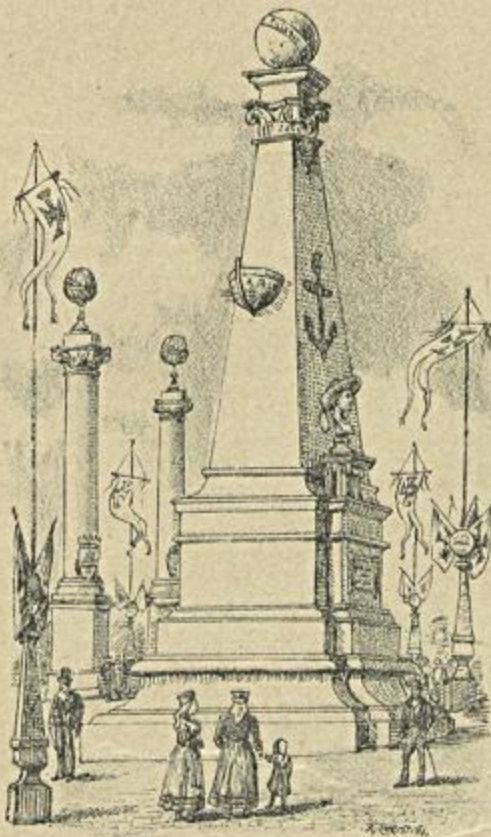
# FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO



ARCO TRIUMPHAL NA RUA DE SANTO ANTONIO



CORETO NA RUA DE SANTA CATHARINA



DECORAÇÕES E CORETOS NAS PRAÇAS DE D. PEDRO, LOYOS E VOLUNTARIOS DA RAINHA

(Desenhos do sr. J. R. Christino da Silva)

que Burton se deleitasse com o incenso domestico que a esposa lhe queimava constantemente no altar da casa, mas como uma mulher assim deve ser insupportavel ! Percebe-se que se estime deveras que a nossa esposa compreenda os nossos trabalhos, por elles se interesse e se deleite com os nossos triumphos, mas que, ao descansarmos das nossas investigações geogra-

phicas, encontremos nos seus olhos alguma preocupação diversa da do caminho que seguem as aguas do lago Tanganyika !  
Para Burton sua mulher era simplesmente a sua collaboradora ; tambem quando queria tratar de coisas que não fossem ou os dialectos syriacos ou os sertões Wahabitas, Burton dirigia-se a outras femeas, o que a mulher não estranhava, como

confessa no livro fallando das *amourettes* do caro esposo. Valha-nos isso !  
Vamos vê-los agora no hotel Bragança.  
Em 1864 foi Burton transferido do consulado de Fernando Pó para o consulado de Santos no Brazil. Passou por Lisboa com sua mulher e hospedou-se no hotel Bragança. Eis o que ella conta a esse respeito :

O nosso quarto de dormir era uma vasta quadra caiada; havia tres buracos na parede um ao lado da cama ericada de baratas, algumas d'ellas de tres pollegadas de comprimento. A sala estava magnificamente forrada de setim amarello, e as pomposas cortinas amarellas estavam salpicadas d'estes animaes rastejantes. O resultado foi eu ir-me empoleirar n'uma cadeira e gritar. Isto aborreceu muito a Ricardo: «Bonita companheira e bonita viajante vaes tu ser! disse elle. Talvez tu imagines que estás muito bonita e muito interessante sentada n'essa cadeira a uivar por causa de umas creaturas innocentes!» Isto magoou-me tanto que, sem descer da cadeira, deixei de gritar e fiz uma meditação como S. Simeão Stylita na sua columna, e essa meditação foi a seguinte: que eu ia viver n'um paiz onde estaria sempre em contacto com coisas como essas ou peiores, e que portanto tinha de vencer o meu horror a tudo quanto é negro e rastejante. E, depois de pensar tudo isto, desci da cadeira, agarrei n'uma bacia de agua e n'uma chinella, e em duas horas contadas pelo relógio atirei para dentro da bacia noventa e sete baratas. Isto curou-me. Desde esse dia nunca mais tive medo da bicharia e dos reptis que abundam n'um paiz onde a natureza é hyperluxuriante. Pouco depois mudámos de quarto. Succedeu nos o hoje fallecido lord Lytton e lady Lytton, e com extremo deleite meu ouvi os mesmos gritos vindos do mesmo quarto: «Ah! disse eu triumphantemente, já vê que não sou eu a unica mulher que detesta as baratas.»

Já que lady Burton cita lady Lytton, que tivemos a honra de conhecer tambem em Lisboa, quando seu marido aqui foi ministro, partindo d'aqui em 1876 para occupar na India o alto lugar de vice rei, sempre diremos que o unico ponto de semelhança entre as duas *ladies* seria o detestarem as carochas, mas nem a elegante, a gentilissima vice-rainha, de puro e formoso olhar, que tão docemente se pousava em seu marido quando elle lia alguns dos formosos versos que firmou com o pseudonymo de Owem Meredith, e que mais docemente cingia com um affecto maternal as encantadoras crianças que foram ser depois o enlevo do oriente, nem lady Lytton escreveria a respeito de seu marido o livro totalmente extatico que Isabel Burton, ao que parece, perpetrou, nem fallaria com tão mau gosto nas *amourettes* do esposo.

Pois aqui tem qual a recordação que lady Burton levou de Lisboa: a carnificina heroica de noventa e sete baratas n'um quarto do hotel Bragança.

Pinheiro Chagas.

## O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

VII

(Continuado do numero 549)

Correu uma semana sem outro incidente.

Os quadrilheiros illudidos na sua busca á casinhola de Ranhados, parecia terem ligado pouco interesse á diligencia, porque depois de algumas indagações sem importancia, retiraram immediatamente para Vizeu.

D. Balthazar que, contra as advertencias do tio, teimara em não sahir de Silgueiros, exultou vendo os partir; mas o velho resmungou:

— Não deite foguetes por ora, senhor sobrinho! Aquelles personagens não se ficam assim!... Acautelle-se; acautelle-se, é o que lhe digo!

Com effeito naquelle mesmo dia Vicente Mesquita, sabendo o resultado negativo do seu plano, espalhou quantos creados tinha pelas freguezias proximas, a indagar o esconderijo da judia, ou o rasto do caminho que seguira, no caso provavel de fuga.

Como ninguem observara as manobras de D. Balthazar, as esculcas dos servos não tiveram melhor resultado do que as dos quadrilheiros; e Vicente, desesperado, estorcia-se praguejando contra a sua debilidade de convalescente que não lhe permitia ir instigar, a Vizeu, as iras da igreja catholica offendida.

Passou ainda outra semana, e nada de sinistro agouravam os horizontes. O proprio padre Lopo começou a serenar, aconselhando ao sobrinho que em vista de aquelle interregno favoravel, impusesse a judia para longe, e tomasse emfim juizo, dedicando se á felicidade da esposa e do filho. D. Balthazar parecia escutar-o; mas ultimamente an-

dava torvo, mal humorado, fallando pouco e fazendo repetidas jornadas a Vizeu.

Só duas vezes vizitara a Gaya, de noite, com mil precauções, disfarçando se.

A estranheza do seu viver ia causando leves sobressaltos na familia; e D. Joanna de Almeida um dia, em conclave com a filha e o irmão, balbuciou a suspeita do genero andar «mettido em trabalhos,» com aquella afastada vida de mysterio...

— Coisas de politica! — disse o padre Lopo, em ar de conjectura, para desviar a verdade. — Apósto que anda por ahí a matutar como ha-de ir p'ra a guerra contra os castelhanos!

— Credo!

— Capaz de isso é elle. Dão-lhe lá aquellas ganhas, e não sei p'ra quê, porque o duque de Bragança não acaba o anno em cima do throno!

Fallou muito, citou exemplos, prophcias, nomes de guerreiros illustres, encheu a casa de histeria patria, com o fito de desviar da attenção das damas, a conducta de J. Balthazar.

Mas aquelle ar concentrado do sobrinho, as suas dilatadas ausencias, acabaram afinal por preoccupal-o; e cogitando o que podia assim trazer o sobrinho alheado, rematou em siloloquio: — Aquillo, ou são saudades da hereje ou anda atraz do Mesquita! — E é homem para o estrompar! Dianho de arranjos que me apparecem!

E inquieto debaixo de esta ideia, levantou-se certa manhã com o desingio de entrevistar o sobrinho e fazel-o «escarrar» tudo o que tinha no pensamento, «como se fosse n' confissão geral».

Entretanto, Vicente Mesquita, tendo recobrado plena saude, ia trabalhando latentemente na sua obra de vingança. O violento desejo que lhe accendera o sangue, ao ver pela primeira vez a esplendida carnção da judia, e o estimulo da fidelidade que ella guardava a um homem odiado por elle, tumultuava-lhe o ser n'uma onda de febre stertorosa e cruel até ao desvario. Vendo D. Balthazar escapar-se das armadilhas que imaginara, o seu odio trasbordava, dilatava-se; — e fazia promessas loucas de dinheiro a espiões que lhe descobrissem o paradeiro da Gaya; e ao receber diariamente, das esculcas sempre mal succedidas, arreperava se e jurava a si mesmo não descansar enquanto a não possuísse, viva ou morta.

Um dia, cansado já de tantos desenganos, resolveu elle mesmo pôr-se em campo; muniu-se de um par de pistollas deu outro ao Zanago, o seu laçao de confiança, e fez-se installar secretamente no seu cazal de Barreiros; e todas as noites começou a espia a sombra dos atalhos suspeitos, em redor da casinhotta de Ranhados.

Passaram quinze dias n'estas diligencias. Vicente Mesquita já pensava em abandonar a empreza, convencido de que a judia tinha procurado segurança fora de aquelles sitios, quando uma noite, collando, como sempre fazia, o ouvido ás frestas da casa abandonada pela Gaya, percebeu alguém que cochichava precautamente no interior.

A noute era escurissima, chuvisquenta, com ventanias que dobravam, silvando, as velhas arvores. O caminho, alagadiço das chuvas, abafava os passos. Vicente chamou o Zanago, que ficara um pouco distante, e segredou-lhe algumas ordens; ouviu se ranger o cão das pistollas, e immediatamente cada um dos espiões tomou o seu posto.

O creado ficou perto da casa, agachado na penumbra de um vallado; Vicente collocou-se mais adiante, n'uma dobra do caminho, entre uns silvedos que bordavam o socalco de um campo. Passou assim meia hora, sem que qualquer movimento ou qualquer palavra os denunciasse; apenas na escuridão espessa da noite, o vento prolongava os seus uivos n'uma symphonia tragica de dôr.

Afinal, a porta abriu-se de manso, e um vulto de homem parando um momento a investigar a sombra, sahiu para o caminho e murmurou algumas palavras em voz baixa, para o interior da casa. Outro vulto sahiu; houve um ranger cauteloso de fechadura, e os dois embuçados somiram-se n'uma dobra do atalho, fallando em voz baixa.

Vicente Mesquita e o Zanago, apenas elles desapareceram, foram-lhes no encalço.

— Conheceste os? — inqueria Vicente, marchando.

— Um d'elles, como as minhas mãos: era o fidalgo. O outro, não sei, mas ha-de ser o Zé Russo...

— O creado?

— Sim, senhor; por signal que levava uma trouxa ou coisa que o valha, debaixo da capa.

Marcharam algum tempo em silencio e como a noite estava escura, a sombra do caminho estreito quasi apagara os vultos que elles perseguiam.

— Diabo! a noite está como um prego! Vamos perdol os de vista! — exclamou Vicente.

— Se quer, apressamos a marcha.

— E se nos presentem?

— Peior para elles; gramam duas pilulas das mais ruins de engolir... — E o Zanago, um militarão vesgo, fugido da India, exhibiu com ousadia as duas pistollas aperradas.

— Homem! nós lucravamos mais se elles não nos sentissem, porque ficavamos sabendo aonde se encafuou a tal maldita... Mas o diabo é que eu já não os vejo...

— Nem eu. Raios de noite!

— Vamos mais depressa... Estás prompto para tudo?

— P'ra tudo!

E já sem precaução alargaram o passo chapinhando precipitadamente a lama do caminho. Adiante mais, o atalho ramificava dois braços, cortando a fundo enormes ribanceiras de bravo, onde as raizes dos pinheiros que em cima encobriam o ceu, appareciam em vetos negros, rasgando a terra. Quando chegaram á clareira onde o atalho se bifurcava, praguejando já sem resguardo contra a escuridão que os desorientava, o Zanago, sentiu se bruscamente apanhado por alguma coisa que se lhe enroscava ao pescoço, e o apertava, como se fosse estrangulal-o.

Instinctivamente, voltou uma das pistollas contra o sitio de onde vinha a aggressão e disparou. O tiro sangrou, estrugindo, na escuridade, e logo uma voz que o Zanago reconheceu, disse n'um rugido de dor:

— Ah, ladrão! Rasgaste-me uma espada, mas não me escapas enquanto eu tiver braços!

Era D. Balthazar de Lara.

Ao lado, o José Russo apoderara se de Vicente que, apanhado de surpresa, deixara cahir no chão ao primeiro abalo, as armas de que se prevenira.

— Soccorro, soccorro! — brava o morgado das Granjas, com voz estrangulada. — Fere-me foão!

A lucta durou alguns instantes. O Zanago debatia se rugindo imprecações entre as mãos crispadas de D. Balthazar, e ouvindo o amo ganir em misericordia sob os joelhos do outro, fez um esforço desesperado para libertar se. D. Balthazar subjugou o violentamente, assentando na cabeça um punhado que o deixou tonto; mas o Zanago torcia-se, agachava-se, usando mil ardis de lucta selvagem, torcendo o corpo como uma serpente. E quando suppondo chegado o momento proprio, deu um repellão subito para libertar se, a pistolla que ainda conservava aperrada na mão esquerda, disparou-se inesperadamente e feriu de raspão o dorso do José Russo. Este surpreendido pelo ataque, rugiu uma exclamação de dor, e pensando-se alvejado por um ferimento mortal, teve um allucinado gesto de desespero.

— Ah! elle é isso, meus homens?... — bramiu com voz rouca. — Pois então...

E arracando do cinto uma enorme faca de matto, atravessou com ella a garganta de Vicente Mesquita que apenas teve tempo de rouquejar um gemido e cahiu pesadamente na lama, golphando sangue.

José Russo deixara-o logo, e sentindo se alagado com o sangue que escorria das suas costas feridas, teve de novo um impeto de colera, e arremessou-se para o Zanago, de facalhão erguido.

— Ah, maldito! agora ha-de ser tu!

Mas o laçao de Vicente, n'aquelle momento cahia para o lado, quasi asfixiado pela mão que D. Balthazar lhe crispava nervosamente no pescoço, e o fidalgo exclamou com precipitação, interpondo-se:

— Não firas, José! Para trabalhos já basta... Matas-te o outro?

— Acho que sim, e eu não tardo atraz de elle. Estou alagado em sangue.

— Elle feriu te?... Deixa ver!...

— Foi esse cão! — fez o outro, apontando o Zanago. — Espetou-me um zagalote no bazio... Raios o partam!...

Levou a mão ao dorso e retirando a empapada em sangue, rugiu com furor:

— Pois esse cão ainda ha de ficar com vida!

E queria arremeter de novo contra o Zanago.

— Deixa o!

— Mas elle matou-me! Estou a escorrer sangue, não duro duas horas!

— P'ra quem está morto, ja fallas de mais. Deixa-o, já te disse!

E voltando-se para o Zanago que, meio desmeiado sobre a lama, ronquejava supplicas entremeadas de pragas, disse lhe com accento duro:

— Vae-te embora! Perdão-te a vida, porque

\* «Fere-me foão!» Segundo as ordenações philippinas, a maneira de provar qualquer aggressão de noite em sitio ermo, era gritar estas palavras. Se alguém, por acaso, as ouvia, ficava provado o delicto. Vide ord. liv. V, lit. 134.

cumprieste o teu dever á beira do cão do teu amo... Mas não te esqueças de que t'a perdoei!

O Zanaga ergueu-se difficilmente, cambaleando e tonto, fez alguns passos encostando-se a um vallado de terra, e sumiu-se na escuridade.

— Só elle é que vae escoreito, o malvado, — fez o José Russo, com voz de despeito, vendo D. Balthazar retirar da espada um lenço embebido em sangue.

— Agora vae! Leva aquella cabeça como um boio. Tu não viste que elle mal podia ter se em pé?

— Pois sim, mas ambos nós vamos a pingar sangue... Mas eu parece-me que a minha ferida não é de morte... Lá sangue bota ella: é como uma fonte! O que vale é que estamos perto da casa da Eufrazia, e lá a senhora sabe sarar isto como as melhores physicas... Inda que faça um bocado de feitiçaria, a gente sempre fica curado!... Acho que é melhor irmos...

— E deixamos ahí ficar esse maroto? — Tomou o fidalgo indicando, com um resto de piedade, o corpo de Vicente estendido na lama.

O José Russo cacarejou uma risada preversa.

— Pudera levar o ás costas! Fica muito bem; a cama é molle...

— Vamos, então.

Puseram-se em marcha. Na treva silenciosa da noite, o vento continuava a acoutar furiosamente uivando, as grandes arvores. Em poucos minutos estavam á porta do casebre da sr.<sup>a</sup> Eufrazia. D. Balthazar bateu ligeiramente, como quem se sabia esperado. A Gaya vendo-os entrar, amo e creado, n'um desalinho tragico, ensanguentado, com as roupas esfacelladas, estendeu os braços com um grito de angustia, e cahiu no chão, desamparadamente, sem sentidos. Julgava ver tambem transtornado a porta, as figuras sinistras dos quadrilheiros da Inquisição, reclamando a para a fogueira com ar triumphador de crueldade.

A morte dramatica de Vicente Mesquita, impressionou vivamente as populações de Vizeu, e as conjecturas sobre o auctor do assassinato, começavam a servir traiçoeiramente velhos odios occultos. Nomes respeitaveis eram boquejados entre as maldições da ira popular; e para onde convergira, a principio, o maior numero de opiniões, foi para certos parentes do Mesquita a quem o successo fazia herdeiros immediatos dos grandes vinculos que elle administrava. Entanto esta suspeita depressa se desvaneceu. Os primos de Vicente, conseguiram provar, sem difficuldade, a sua innocencia, fazendo crer ás justicas (isto, com alguma difficuldade) que até lamentavam, com fundo pesar, a extinção de aquella promettedora vergonteia da sua familia.

A opinião publica, á vista de isto, apontou solemnemente e decisivamente, como unico auctor do attentado, o Zanaga que desde a noite fatal ainda não tornara a apparecer. Contra este, todos os factos depunham claramente; e quando um hortelão declarou que o laçao de confiança de Vicente tinha vindo na noite do crime, altas horas, á casa das Granjas, e se demorara largo tempo nos aposentos nobres, dizendo-se mandado pelo amo em busca de certos objectos, ninguem duvidou que o Zanaga assassinara o morgado das Granjas para o roubar.

Com effeito, o laçao de Vicente, saindo um pouco contuso das mãos de D. Balthazar, detiveram-se a alguns passos do local do combate, cogitando na sua situação. A morte do amo que sahira de casa mysteriosamente, só com elle, era difficil de explicar sem comprometter o seu nome. Quem acreditaria na existencia de uns assassinos mais generosos para o laçao do que para o amo, sem fazer acreditar a suspeita de um complicito traiçoeiro? Que bem lhe resultaria de gritar o nome do assassino, se o José Russo tinha matado para lisongear o odio de D. Balthazar e este para obter o indulto do laçao, empenharia decerto todos os seus esforços e os da parentella poderosa, fazendo acreditar facilmente á justiça que aquella accusação não era senão uma falsidade abusiva e grosseira para esquivar-se ás responsabilidades com que todos os factos o indiciavam? Que valeriam os affirmações, juramentos de elle, de elle que tinha fama, physionomia e malquerenças de que tinha fama, physionomia e malquerenças de criminoso, ante uma justiça que só obrava por inspiração dos poderosos do lugar?...

Discutido bem todo o alcance da situação em que aquelles factos o collocavam o Zanaga, com a sua fria lucidez de home n experimentado, deliberou «arranjar-se». Tornou atraz, apurando o ouvido cauteloso, aproximou-se do cadaver do amo que mal se distinguia estirado na lama, e apalpando-o tranquillamente, murmurou com satisfação, ao fim de alguns instantes:

— Ah, cá está!

Era um largo cinto de couro, onde Vicente

Mesquita habitualmente trazia as suas provisões de dinheiro; desapertou-lhe a fivella, vazou nos seus bolsos os sessenta cruzados que elle continha, lembrando-se de que o amo recebera dias antes grossa quantia de uma venda de fóros, correu a Silgueiros, á casa das Granjas, e embolsou para cima de cinco mil cruzados, segundo a verba constante do processo.

Como ninguem conhecia o odio latente que fervia entre os dois vizinhos, nenhuma suspeita mordeu, sequer levemente, o nome de D. Balthazar; só o padre Lopo farejando a verdade e vendo no ferimento do sobrinho um indicio que a confirmava, enchia as suas insomnias de secretas jermiadias, lamentando a sorte conjugal que tão desgraçadamente propiciara a D. Luiza Cordovil.

Com aquellas preoccupações, a sua trasbordante alegria desaparecera; evitava visivelmente o sobrinho; e um dia que D. Balthazar lhe confidenciou os pormenores da morte do Mesquita, o padre vendo n'aquillo uma influencia sobrenatural de fatalismo, bradou com accentto desesperado, crispando os punhos:

— Todo por causa de aquella maldita judia! Raça de viboras! Antes a deixasse ir para a Inquisição!...

Isso é que não, senhor tio! Vida por vida, antes morresse Mesquita que era um villanaz e foi quem a inquietou!

— E ella, a hereje?... Não foi ella que o inquietou a si, que estava manso e quedo ao pé da sua esposa?... Não foi ella a maldita, com os seus sortilegios, diga lá! Não digo que o Mesquita fosse boa peça, mas ao menos sempre era uma alma christã!...

D. Balthazar curvara a cabeça em silencio, e o padre, crendo que aquelle aspecto concentrado do sobrinho, denunciava um principio de arrependimento, bradou, amaciando a voz:

— Deixe a mulher sobrinho! deixa-a lá com as suas artes diabolicas! Encha-lhe as algibeiras de dinheiro, e mande a embora para d'onde veio, para o Inferno!

D. Balthazar pareceu lutar consigo mesmo, mas franzindo uma visagem de condemnado, exclamou:

— Não posso, não posso!

O padre ia a indignar-se, mas, olhando melhor o sobrinho, viu lhe no rosto uma contracção tão expressiva de soffrimento, que murmurou consigo mesmo, abaixando os olhos desalentadamente:

— Não ha duvida! A excommungada deu lhe a beber alguma droga!

(Continúa)

— Este facto

## LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero 547)

LUIZ DE CAMÕES e Almeida Garrett são eminentes na nossa historia letteraria, reputando muitos o segundo como immediato ao primeiro no seu peregrino merecimento. E se no talento são irmãos, tambem são eguaes na sorte irrequieta que os expatriou. Dizem no os seus poemas, e as fundas maguas que os pungiram n'elles transparecem naturalmente.

Aqui me achei gastando uns trinta dias, Tristes, forçados, máus e solitarios,

.....

Aqui a alma captiva Chagada estava toda em carne viva...

dizia CAMÕES na terra do desterro, e Garrett, tambem no exilio, invocava em versos immortaes o «mysterioso numen que aviventa os corações que estalaram.»

Saudade, gosto amargo de infelizes, Delicioso pungir de acerbo espinho.

o que faz lembrar Filinto:

..... Tempo houve em que eu ditoso... (Meigo sonho! saudade amarga e doce!)

Garrett consagrou a CAMÕES, e não menos aos LUSIADAS, o seu famoso poema, que é bem conhecido. D'altas arvores á sombra, em fresco assento de aveludada relva, pinta elle a leitura da epopeia na quinta da Penha-Verde. O CAMÕES lê, e agrupados em torno escutam n'o ei-rei D. Sebastião e toda a côrte... Ha d'esta scena um quadro nota-

vel de Manuel de Macedo, assim como um lindo soneto de Gonçalves Crespo:

.....  
CAMÕES recita, a côrte attenta e silenciosa  
Ante a rubra explosão do cantico guerreiro  
Admira essa Epopeia...

«Ruge a electrica voz do Adamastor furiosa,  
«Nas amuradas canta o alegre marinheiro,  
«Do Oceano á flor scintilla a esteira luminosa  
«Dos pesados galeões do Gama aventureiro...

Mas sobresahe n'esta leitura o episodio de Ignez, que Garrett adorna de novas galas. Não o destigura, narra-o; e é na descripção d'este acto de CAMÕES que a sua musa se avigora e retempera o tragico successo.

E eis a razão por que lastimo que se baldasse a promessa do auctor de *Frei Luiz de Sousa*, pois ficou o theatro portuguez sem a sua melhor tragedia moderna. Com o fino gosto de Garrett, com a sua viva sensibilidade, o que não faria elle d'um assumpto que tanto o enamorava?!

(Continúa)

A. A. da Fonseca Pinto.



## REVISTA POLITICA

É ainda a questão da companhia dos caminhos de ferro, que está sendo a peça de grande espectáculo que está em scena, no palco da politica portugueza, apresentando em cada dia novos actos, mettendo em scena novas figuras e prometendo muitas mais, de forma a tornar-se um espectáculo attrahente e ao mesmo tempo edificante, em que as querellas pelulam nos tribunacs para desalfronta dos personagens offendidos e castigo dos auctores indiscretos, que os vão mettendo em scena.

Veremos em que tudo vem a dar, desde as cartas reveladoras do sr. conde de Bournay das ameaças mal contidas do sr. Emygdio Navarro até ás accusações positivas da *Vanguarda*.

O sr. conde de Bournay tem requerido uma enfiada de querellas que promettem dar que fazer aos escrivães da Boa Hora, por um hom par de mezes ou até annos.

O sr. Marianno de Carvalho tambem se decidiu a querellar, e só, por enquanto, o ministro de Portugal, que ainda o é em Paris, é que se contentou com a carta ameaçadora publicada nas *Novidades*, que pelos modos parece não metter medo a ninguem.

O sr. Navarro diz que todos vivem com um charco de lama ao pé da porta, menos sua ex.<sup>a</sup>

Nós damos lhe os nossos mais sinceros parabens, porque isto de hoje em dia não ter os taes charcos de lama ao pé da porta, é só concedido aos anonymos, aos obscuros aos que se conservam recolhidos na sua inutilidade, simples espectadores, quando muito, da grande scena politica que se está desenrolando aos olhos de quem a quer vêr.

E' uma felicidade ser um dos limpos no meio d'estes encurros, em que andam os homens publicos.

Tem o sr. Emygdio Navarro muita razão.

Mas como nós tamos dizendo, a epoca, porem, parece que vae de querellas e lá se sae agora o sr. conde de Restello a querellar tambem da *Vanguarda* por causa de um artigo a respeito da sua candidatura como deputado governmental por Lisboa.

A attitudo do sr. conde de Restello perante o rompimento do accordo do partido progressista com respeito á eleição de Lisboa, não agradou nem aos seus correligionarios nem aos republicanos.

O apresentar-se o sr. conde de Restello como candidato monarchico, não querendo saber se o accordo está roto ou inteiro, levantou indisposições no seu partido e phrases tão pouco agradaveis dos republicanos intransigentes, que s. ex.<sup>a</sup> julgou essas phrases offensivas da sua dignidade e querellou do jornal que as publicou.

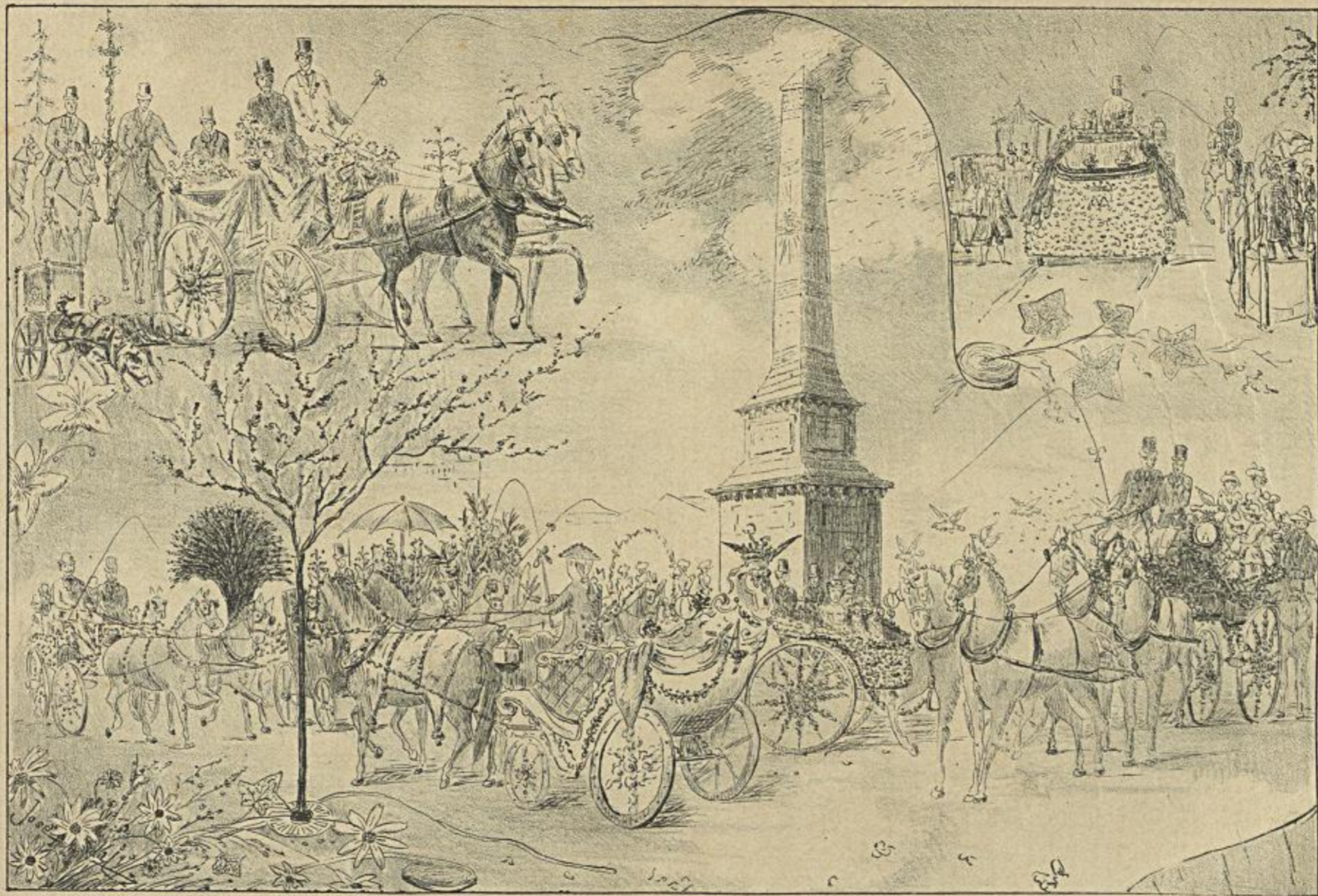
Mas porque razão o partido republicano se molestou tanto com o procedimento do sr. conde, perguntará agora o leitor.

Isso é um mysterio a que só os progressistas poderão responder, porque elles é que sabem o que tinham tratado com os republicanos, apezar dos accordos com a lista monarchica.

Elles lá tinham a sua fígada.

João Verdades.

Publicado em o Supplemento ao n.º 59 do *Occidente* vol. III de 1880.



A BATALHA DAS FLORES, NA AVENIDA DA LIBERDADE (Vide *Chronica Occidental*)

(Desenho pelo sr. José Pardal)